# Introdução de “Dias de Guerra, Noites de Amor”, de CrimethInc.

**por NietzsChe Guevara**

## I. Normalidade

As pessoas do “mainstream” da sociedade nos Estados Unidos e na Europa possuem hoje um peculiar prazer em se considerarem “normais”, quando se comparam às transgressoras, dissidentes, ativistas sociais radicais e outras membros de grupos socialmente excluídos. Elas tratam esta “normalidade” como se fosse um indício de saúde mental e rigor moral, olhando as “outras” com um misto de piedade e repulsa.

Mas se resolvermos olhar para a história, podemos ver que as condições e os padrões de vida humana mudaram tanto que é impossível falar de qualquer estilo de vida atualmente disponível aos humanos como “normal”, no sentido de “natural”. Dos estilos de vida que uma jovem ocidental pode hoje escolher... nenhuma das possibilidades é sequer parecida àquelas para as quais as suas ancestrais estavam preparadas por séculos de seleção natural e evolução.

É mais provável que a “normalidade” tão querida a esta pessoas seja antes um *sentimento* de normalidade que resulta da conformidade a um padrão. Estar rodeado de pessoas que agem da mesma forma, que são condicionadas às mesmas rotinas e expectativas, é reconfortante, porque reforça a ideia de que se está a percorrer o bom caminho: se a grande maioria das pessoas toma as mesmas decisões e vive de acordo com os mesmos hábitos, então essas decisões e hábitos devem ser os que estão certos.

Mas o simples facto de um número de pessoas viver e agir de uma certa forma não faz em nada que essa maneira de viver seja a que lhes proporcionará maior felicidade. Para além disso, os estilos de vida associados ao mainstream (se é que algo assim existe) europeu e norte-americano não foram propriamente escolhidos de forma consciente como a melhor opção possível por aquelas que os reproduzem; eles surgiram antes repentinamente, como resultado de convulsões tecnológicas e culturais. Uma vez que as pessoas da Europa, dos Estados Unidos e do resto do mundo percebam que não há nada necessariamente de “normal” nas suas “vidas normais”, poderão começar a colocar-se a primeira e mais importante questão deste século: existem maneiras de pensar, agir, e viver que possam ser mais satisfatórias e emocionantes do que aquelas como pensamos, agimos e vivemos atualmente?

## II. Transformação

Se o conhecimento acumulado da civilização ocidental tem neste momento algo de valor para nos oferecer, é uma consciência da imensidão de possíveis no que toca à vida humana. As nossas estudiosas de história, sociologia e

antropologia, de outra forma inúteis, podem pelo menos mostrar-nos isto: que os seres humanos viveram em milhares de diferentes tipos de sociedades, com dezenas de milhares de diferentes códigos de valores, dezenas de milhares de diferentes relações entre si e com o mundo que os rodeia, dezenas de milhares de diferentes conceitos de si mesmo. Viajar um pouco ainda te pode permitir chegar às mesmas conclusões, se chegares lá antes de a Coca-Cola já ter ganho a corrida.

É por isso que não posso senão rir quando alguém se refere à "natureza humana", invariavelmente enquanto se desculpa por uma miserável resignação ao nosso suposto destino. Já pararam para pensar que temos um ancestral em comum com os *ouriços-do-mar*? Se ambientes diferentes podem tornar estes nossos primos afastados tão diferentes de nós, quanto mais possíveis não serão pequenas mudanças em nós e nas nossas interações! Se há algo que falta (e não há dúvida de que falta algo, admitirá a maioria) nas nossas vidas, se há nelas algo de desnecessariamente trágico ou insignificante, se há qualquer cantinho de felicidade que permance inexplorado, então tudo o que temos de fazer é mudar o nosso ambiente em consonância. "Se queres mudar o mundo, primeiro tens de te mudar a ti mesma", diz o ditado. Nós aprendemos que o contrário é verdade.

E há ainda outra descoberta valiosa que a nossa espécie fez, ainda que a tenha feito da pior forma: somos capazes de transformar drásticamente os ambientes. O lugar onde estás deitada, sentada, ou de pé a ler isto era provavelmente em tudo diferente há uma centena de anos, para não dizer há dois mil anos; e praticamente todas essas mudanças foram provocadas pelos seres humanos. Nós refizemos completamente o nosso mundo nos últimos séculos, transformando a vida de quase todo o tipo de planta ou animal, e a nossa sobretudo. Só nos resta experimentar fazer essas mudanças *intencionalmente*, de acordo com as nossas necessidades e desejos, em vez de as realizar segundo forças irracionais, desumanas, como competição, superstição, rotina.

No dia em que nos dermos conta disto, podemos lutar por um novo destino para nós mesmas, tanto individualmente como coletivamente. Não mais seremos reprimidas por forças que parecem para lá do nosso controle; em vez disso, nesta descoberta de nós próprias através da criação de novos ambientes, descobriremos tudo aquilo que podemos ser. Este caminho levar-nos-á para fora do mundo tal como o conhecemos, muito além dos mais distantes horizontes que conseguimos vislumbrar desde onde estamos. Tornar-nos-emos as maiores artistas, pintando com o desejo, criando-nos e recriando-nos a nós mesmas deliberadamente — tornando-nos, a nós, na nossa maior obra.

Para o conseguir, vamos ter de aprender a coexistir e a colaborar frutuosamente: a ver o quão interligadas estão todas as nossas vidas, e a viver finalmente tendo isso presente. Até isto se tornar possível, ser-nos-á negado a cada uma não só o vasto potencial das nossas companheiras, mas também o nosso próprio potencial pessoal; pois todas fazemos juntas o mundo de que cada uma é feita e o mundo no qual cada uma tem de viver. A outra coisa que

nos falta é o conhecimento dos nossos próprios desejos. Os desejos são coisas escorregadias, mutáveis, difíceis de apontar e mais ainda de acompanhar. Se vamos construir o nosso destino a partir da busca e da transformação dos nossos desejos, devemos primeiro encontrar maneiras de descobrir e libertar as nossas sedes e paixões. Para tal, todas as experiências e aventuras não serão jamais bastantes. As criadoras deste novo mundo têm de ser mais generosas e mais gananciosas do que todas as que as antecederam: mais generosas entre si, e mais gananciosas pela vida!

## III. Utopia

Mesmo daqui, consigo sentir a pergunta formar-se já na ponta da tua língua: isto não é utópico?

Bom, claro que é. Sabes qual é o maior medo de toda a gente? É que todos os sonhos que temos, todas as ideias e aspirações loucas, todos os impossíveis desejos românticos e visões utópicas *possam* tornar-se realidade, que o mundo *possa* realizar os nossos desejos. As pessoas passam as suas vidas a fazer todos os possíveis para afastar essa possibilidade: torturam-se com todo o tipo de inseguranças, sabotam os seus próprios esforços, minam as suas relações amorosas e desistem antes mesmo de o mundo ter tido uma chance de as derrotar... porque nenhum fardo é mais duro de carregar do que a possibilidade de tudo o que queremos *ser* possível. Se isso for verdade, então há realmente coisas em jogo nesta vida, coisas que podem realmente ser vencidas ou perdidas. Nada poderia ser tão despedaçante do que falhar quando o sucesso é realmente possível, por isso fazemos tudo ao nosso alcance para evitar até mesmo tentar, para evitar ter de tentar.

Porque se houver a menor possibilidade de que os desejos dos nossos corações possam ser realizados, claro que a única coisa que faz sentido é lançarmo-nos de corpo e alma nessa busca e arriscarmos a derrota. O desespero e o niilismo parecem mais seguros, projetando a nossa miséria no cosmos como uma desculpa para nem sequer tentarmos. E então ficamos, agarradas à resignação, seguras como cadáveres em caixões... mas nada disso consegue afastar aquela terrível possibilidade. Na nossa fuga desesperada da verdadeira tragédia do mundo, apenas nos afundamos em tragédias falsas e desnecessárias.

Talvez este mundo nunca se conforme perfeitamente às nossas necessidades — as pessoas continuarão a morrer antes de estarem prontas, relacionamentos perfeitos acabarão destroçados, aventuras terminarão em catástrofe e belos momentos serão esquecidos. Mas o que me parte o coração é a forma como partimos destas verdades inevitáveis para cair nos braços de coisas ainda mais terríveis. Até pode ser verdade que todos os homens estejam perdidos num universo que é fundamentalmente indiferente a eles, trancados para sempre numa solidão assustadora — mas não tem de ser verdade que certas pessoas passem fome enquanto outras atiram comida fora ou deixam terras férteis por cultivar. Não tem de ser verdade que homens e mulheres desperdicem as suas vidas a trabalhar para servir a ganância de uns poucos homens ricos, apenas para sobreviverem. Não tem ser verdade que nunca ousemos dizer uns aos

outros o que realmente queremos, nunca ousemos partilhar honestamente, nunca ousemos usar os nossos talentos e capacidades para tornar a vida mais suportável, para não dizer mais bela. Esta é uma tragédia *desnecessária*, uma tragédia estúpida, patética e sem sentido. Nem sequer é utópico exigir que punhamos fim a farsas como estas.

Se pudéssemos vir a acreditar e *sentir* realmente a possibilidade de que *somos* invencíveis e de que podemos conseguir tudo que queremos neste mundo, não pareceria de todo para além do nosso alcance corrigir tamanhos absurdos. O que te estou aqui a pedir não é para teres fé no impossível, mas para teres a coragem de encarar essa terrível possibilidade de que nossas vidas *estão* realmente nas nossas mãos, e agir em conformidade: não te acomodares a qualquer angústia que o destino e a humanidade puseram sobre ti, mas empurrares de volta, e veres de quais te podes livrar. Nada poderia ser mais trágico, e mais ridículo, do que viver uma vida toda ao alcance do paraíso sem jamais esticar os braços.

texto de introdução do livro “Days of War, Nights of Love”, do coletivo CrimethInc.

este e outros textos (em inglês): http://www.crimethinc.com/

livro para download gratuito (em inglês): http://www.daysofwarnightsoflove.com/